

A estratégia de Maílson é preocupar os credores

O ministro evita banqueiros para que eles continuem preocupados com a possibilidade de moratória

O presidente do Comitê Interno dos Bancos Credores, William Rhodes, tem telefonado diariamente para o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, desde terça-feira, quando foi divulgada a informação de que o Brasil atrasaria em uma semana o pagamento da parcela de US\$ 500 milhões de juros aos bancos estrangeiros.

O banqueiro quer mais esclarecimentos sobre as causas do atraso, porque a justificativa de que houve problemas de computador não está convencendo. Até ontem à tarde as tentativas de Rhodes fracassaram. Todas as vezes em que o telefone chamava de Nova Iorque, o ministro não estava em seu gabinete. Quando chegava, também não retornava a ligação.

Não se trata de uma simples des cortesia do ministro da Fazenda. A aparente indiferença, segundo apurou o repórter **João Borges**, da **Agência Estado**, junto a uma fonte do Palácio do Planalto, faz parte da estratégia do governo brasileiro: neste momento, prefere que os bancos fiquem realmente preocupados com a possibilidade de uma moratória. Não há, portanto, razão para explicações que procurem tranquilizar os banqueiros.

Importantes membros do governo não escondem certo aborrecimento com os nossos credores. Quando o atual titular assumiu o ministério da Fazenda, em janeiro do ano passado, o presidente Sarney aceitou sua sugestão de restaurar as relações com os ban-

queiros. O resultado foi um acordo que recebeu críticas internas e propiciou elevados lucros nos balanços de 1988 dos bancos, publicados recentemente.

A decisão dos bancos de não liberar a parcela de US\$ 600 milhões, prevista para outubro, foi um duro golpe nessa política de bom relacionamento. Segundo fontes do governo, o acordo da dívida ao vincular a liberação dos recursos dos bancos privados aos desembolsos do Bird, aumentou o grau de vulnerabilidade do balanço de pagamentos do País.

A queda das reservas para menos de US\$ 5 bilhões no final de dezembro (a verdadeira causa do atraso no pagamento) provocou também atritos entre o Ministério da Fazenda e o Banco Central.

Quando retornou de um breve descanso em Santa Catarina, logo depois do Natal, Maílson da Nóbrega foi informado pelo diretor da Área Externa, Arnim Lore, de que as reservas haviam caído para um pouco abaixo dos US\$ 5 bilhões. Uma "surpresa" que deixou o ministro irritadíssimo. Afinal, a queda das reservas era uma ameaça ao Plano Verão, que seria divulgado duas semanas depois.

O atraso no pagamento permitiu a recomposição das reservas para um pouco acima dos US\$ 5 bilhões. O ministro Maílson da Nóbrega não quer se explicar pessoalmente com William Rhodes. Mas prefere que ele não acredite na explicação de que tudo não passou de um defeito nos computadores do Banco Central.